



# **INTERAÇÃO DO BEBÉ DE TERMO E A MÃE**

**Estudo da interação mãe-filho(a) em situação de jogo  
livre aos 9 meses de vida**

**Cristina Alexandra Martins Rodrigues**

Dissertação apresentada na Escola Superior de Educação de Lisboa para obtenção do  
grau de mestre em Ciências da Educação

Especialidade Intervenção Precoce

**2017**



**INTERAÇÃO DO BEBÉ DE TERMO E A MÃE**  
**Estudo da interação mãe-filho(a) em situação de jogo livre**  
**aos 9 meses de vida**

**Cristina Alexandra Martins Rodrigues**

Dissertação apresentada na Escola Superior de Educação de Lisboa para obtenção do grau de mestre em Ciências da Educação

Especialidade Intervenção Precoce

**Orientadora:** Professora Doutora Marina Fuertes

**2017**

## **AGRADECIMENTOS**

Aos meus PAIS, por TUDO. Sempre e para sempre!

À minha IRMÃ agradeço a motivação, positivismo e muito mais. Sempre e para sempre!

À professora Doutora Marina Fuertes pela inspiração, força e dedicação que muito me ajudaram neste percurso.

Às minhas IRMÃS DE CORAÇÃO por acreditarem sempre em mim.

Às colegas Íris Seixas, Isabel Fernandes e Maria João Alves que se disponibilizaram a partilhar a sabedoria comigo.

À Inês Serrano Pereira pela disponibilidade.

Às equipas portuguesas e brasileiras que fizeram parte deste estudo.

A TODOS, o meu muito OBRIGADA pela

DEDICAÇÃO,

INSPIRAÇÃO,

MOTIVAÇÃO

e FORÇA!

# ÍNDICE GERAL

Resumo	
Abstract	
Introdução .....	1
1. Estado de arte .....	3
1.1. Sensibilidade materna como precursor da vinculação segura.	3
1.2. Complexidade do conceito de sensibilidade materna.....	4
1.3. Fatores que influenciam a sensibilidade materna.....	7
1.4. Avaliação da qualidade do comportamento do adulto e caraterização do comportamento infantil.....	8
2. Presente estudo .....	11
3. Métodos .....	11
3.1. Participantes.....	11
3.2. Procedimentos .....	13
3.3. Análise de dados .....	17
4. Resultados .....	18
4.1. Diferenças na qualidade de interação mãe-filho(a) em díades portuguesas e brasileiras .....	18
4.2. Associação entre o comportamento materno e infantil em díades portuguesas e brasileiras .....	19
4.3. Relação entre a qualidade de interação mãe-filho(a) e os dados demográficos .....	21
4.4. Associação entre os dados dos comportamentos maternos e infantis e os dados demográficos dos bebés e das famílias .....	23
5. Discussão dos resultados ....	26
6. Considerações finais .....	31
7. Limitações e sugestões para futuros estudos .....	33
Referências bibliográficas .....	34

## ÍNDICE DE TABELAS

Tabela 1: Estudos em Portugal de correlações da análise da relação mãe-filho(a) com o CARE-Index .....	10
Tabela 2: Contagem de participantes .....	12
Tabela 3: Dados demográficos do bebé e suas famílias .....	13
Tabela 4: Caraterização sumária das escalas maternas do CARE-Index ...	15
Tabela 5: Caraterização sumária das escalas da criança do CARE-Index ..	16
Tabela 6: Estatística descritiva dos dados dos comportamentos maternos e infantis conforme avaliados pela CARE-Index de acordo com a nacionalidade .....	19
Tabela 7: Correlações entre os dados dos comportamentos maternos e comportamentos infantis no Brasil .....	20
Tabela 8: Correlações entre os dados dos comportamentos maternos e comportamentos infantis em Portugal .....	21
Tabela 9: Estatística descritiva dos dados dos comportamentos maternos e infantis conforme avaliados pelo CARE-Index de acordo com os dados demográficos em Portugal .....	22
Tabela 10: Estatística descritiva dos dados dos comportamentos maternos e infantis conforme avaliados pelo CARE-Index de acordo com os dados demográficos no Brasil .....	23
Tabela 11: Correlações entre os dados demográficos do bebé e da família e os comportamentos maternos e infantis, de acordo com a amostra portuguesa .....	24
Tabela 12: Correlações entre os dados demográficos do bebé e da família e os comportamentos maternos e infantis, de acordo com a amostra brasileira.....	25

## **LISTA DE ABREVIATURAS**

CARE-Index	Child-Adult Relationship Experimental Index
CHLO	Centro Hospitalar de Lisboa Oriente
FAPESP	Fundação Amparo à Pesquisa de Estudos de São Paulo
IP	Intervenção Precoce
SPSS	Statistical Product and Service Solutions

# **INTERAÇÃO DO BEBÉ DE TERMO E A MÃE**

**Estudo da interação mãe-filho(a) em situação de jogo livre aos 9 meses de vida**

## **RESUMO:**

Ainsworth, Bell, e Stayton (1974) definem a sensibilidade maternal como capacidade de perceber e interpretar adequadamente os comportamentos e comunicações do bebê respondendo pronta e adequadamente às necessidades. Van den Boom (1997) num estudo meta-analítico apresenta a mutualidade/reciprocidade como fatores importantes na sensibilidade das mães, ganhando assim um sentido diádico, no qual a qualidade da interação resulta do produto da sensibilidade do adulto com a cooperação infantil.

A qualidade da interação mãe-filho(a) tem sido estudada em várias culturas, contudo, existem poucos estudos interculturais (i.e., realizados nas mesmas condições em culturas distintas). Neste estudo dedicamo-nos à cultura portuguesa e brasileira que partilhando a mesma língua são distintas em termos de organização social e nas respostas à infância e à família.

Assumindo, uma abordagem diádica e uma linha de estudo quasi-intercultural, procurou-se descrever e comparar a sensibilidade materna e cooperação infantil atendendo às expressões facial e vocal, posicionamento, afetividade, reciprocidade, diretividade e qualidade de jogo, em duas amostras independentes: portuguesa e brasileira. Para o efeito, as díades mãe-filho(a) foram filmadas em jogo livre aos 9 meses.

Os resultados indicam diferenças significativas entre a qualidade interativa nas duas amostras: mães brasileiras mais passivas e bebês brasileiros mais difíceis. O género do bebê e o Apgar ao primeiro minuto afetaram os resultados na amostra brasileira. Na amostra portuguesa foram: idade do pai, Apgar ao quinto minuto, peso gestacional do bebê, e a escolaridade dos pais associou-se aos comportamentos interativos mãe-filho(a). Em suma, diferentes fatores afetaram as duas amostras.

Os dados são discutidos à luz das práticas de intervenção precoce suportadas na evidência e na ação preventiva junto da família.

**Palavras-chave:** *Representações maternas; Comportamentos interativos mãe-filho(a);  
Intervenção Precoce*

# INTERACTION OF THE TERM BABY AND THE MOTHER

## Study of mother-child interaction (a) in a free-play situation at 9 months

### ABSTRACT:

Ainsworth, Bell and Stayton (1974) define maternal sensitivity *as the mother's ability to perceive and interpret accurately her infant's signals and communications and then respond appropriately*. Van den Boom (1997), in a meta-analytical study, considers mutuality and reciprocity as important factors in maternal sensitivity. This aspect assumes a dyadic meaning, in which the quality of the interaction is the result of the product between the sensitivity of the adult and child cooperation.

The quality of mother and child interactions has been studied in several cultures, however, there are few intercultural studies (i.e., performed under the same conditions, between different cultures). In the present study, we focus on both Portuguese and Brazilian cultures which share a common language, but differ in terms of social organization and reaction to childhood and family.

Assuming a dyadic approach and an exploratory intercultural line of research, one aim to describe and to compare maternal sensitivity with child cooperation considering facial and vocal expressions, positioning, affection, reciprocity, directivity and play quality between two independent samples – Portuguese and Brazilian. For this purpose, mother and child dyads were filmed during free play at an age of 9 months.

The results show significant differences between the quality of the interaction in both samples: Brazilian mothers are more passive and Brazilian babies more difficult. Both the genre of the baby and the Apgar score at the first minute were factors that influenced the results in the Brazilian sample. Concerning the Portuguese sample, those factors included age of the father, Apgar score at the fifth minute, gestational weight of the baby and parents education, which correlated with mother and child interactive behaviours. In sum, different factors affected both samples.

The data is discussed in light of early intervention practices and supported in evidence.

**Key words:** *Maternal representations; Mother and child interactive behaviours; Early Intervention*

## INTRODUÇÃO

A presente dissertação inclui-se no projeto de investigação “Estudo intercultural do desenvolvimento e da vinculação do bebê pré-termo ao longo do primeiro ano de vida.” (PTDC/MHC-PED/1424/2014), aprovado no Edital USP/UP com verba financiada pela FCT - Ministério da Ciência, Tecnologia e Ensino Superior e Universidade de São Paulo. O projeto mencionado também obteve financiamento da Fundação de Amparo a Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP). A equipa brasileira tem como coordenadora a Professora Doutora Dionísia Lamônica e a equipa portuguesa é coordenada pelo Professor Doutor Pedro Lopes dos Santos. A equipa do projeto conta igualmente com a participação da Professora Doutora Marina Fuertes, com a participação da doutoranda Camila Ribeiro e pela mestranda Cristina Rodrigues (autora deste estudo).

O projeto de investigação tem como objetivo estudar a relação mãe-filho (a) em situação de jogo livre e desenvolvimento de bebês de termo de nacionalidade portuguesa e de nacionalidade brasileira. Para a realização do estudo foram recolhidas 84 díades de bebês brasileiros e 60 díades de bebês portugueses.

No projeto original, pretendíamos ainda verificar se o impacto da auto-regulação infantil e da sensibilidade materna na qualidade da vinculação (segura, insegura e desorganizada) avaliada na Situação Estranha (Ainsworth, Blehar, Waters, & Wall, 1978) aos 12 e aos 18 meses. Colocávamos como hipótese que a autorregulação e a qualidade da interação mãe-filho(a) contribuem independentemente para a vinculação segura. Adicionalmente, estudámos o efeito de fatores perinatais, da família (demográficos e nível de stress) e do desenvolvimento da criança nas variáveis independentes e na qualidade da vinculação. Este estudo tinha, como objetivo ainda, comparar amostras portuguesas e brasileiras analisando as diferenças na qualidade de interação entre mãe e filho(a) resultantes de realidades sociais distintas mas próximas pela linguagem materna e sua cultura.

Partindo de uma sub-amostra do estudo original, a presente dissertação tem como objetivo comparar os comportamentos interativos das mães- filho(a) de termo aos 9 meses de vida, em situação de jogo livre, quanto à expressão facial, expressão vocal,

posicionamento, afetividade, reciprocidade, controlo e atividade. Neste sentido, a sub-amostra foi constituída por 51 díades das quais 25 díades com mães e bebés portugueses e 26 díades com mães e bebés de origem brasileira. As díades foram filmadas em situação de jogo-livre entre mãe e filho(a).

Encontra-se organizada sob a forma de artigo que, depois de discutida em provas públicas, deverá ser submetida a uma revista indexada a base de dados.

A dissertação inclui um artigo, do qual fazem parte: um resumo em português, um resumo em inglês, breve enquadramento teórico, objetivos, métodos, apresentação de resultados, discussão dos resultados e referências bibliográficas.

## **1. ESTADO DE ARTE**

A literatura científica descreve o comportamento dos pais mais sensíveis como mais atento, respeitoso, motivador e adequado às necessidades das crianças (e.g. Ainsworth, Blehar, Waters, & Wall, 1978; Grossmann, Spangler, Suess, & Unzner, 1985; Isabella, 1993). Com efeito, estes pais dedicam mais tempo a brincar com os filhos (Faria et al., 2014). As relações com pais sensíveis parecem favorecer o desenvolvimento global, comunicativo e cognitivo da criança que tende a apresentar melhores indicadores e melhor adaptação aos contextos pré-escolares (Serradas, 2015). Para além destes processos, o desenvolvimento emocional é fortemente afetado pela sensibilidade dos pais, na medida em que as crianças com pais mais sensíveis apresentam melhor auto-regulação em condições de stress (Kochanska, 1997; Tarabutsy et al., 2005, citado em Serradas, 2015), têm mais amigos e são sociáveis (Beeghly, Fuertes, Liu, Deloris, & Tronick, 2011) e por fim apresentam, ter relações de vinculação segura (Ainsworth, 1965, citado em Fuertes, 2004). Estes resultados têm trazido as questões da sensibilidade dos pais para a ribalta da discussão nas práticas de intervenção precoce. Os comportamentos paternos positivos podem oferecer oportunidades de aprendizagem e uma base afetiva segura relacional, especialmente para crianças de risco de atraso de desenvolvimento (Fuertes & Lopes-dos-Santos, 2005). Deste modo, esta linha de investigação vem contribuir para a compreensão dos processos de desenvolvimento e para a intervenção precoce. Esta intervenção deve atuar para estimular comportamentos sensíveis e daí a necessidade o comportamento desejável ou sensível.

### **1.1. Sensibilidade materna como precursor da vinculação segura**

Para Bowlby (1969), a vinculação é um sistema comportamental que tem como objetivo a proximidade entre a criança e a figura de vinculação, funcionando interrelacionado o comportamento da criança e o comportamento parental. O autor afirmou ainda que, havendo uma relação privilegiada com a figura materna, diminuí os riscos de vida. Em 1982, Bowlby defende que os processos de vinculação se

manifestam e estabelecem em função da díade relacional, articulada com as circunstâncias exteriores.

Segundo Crittenden (1999, citado em Fuertes, 2005), todos os padrões de vinculação são *in senso lato* adaptativos, não sendo apenas adaptativos em termos evolutivos mas com vantagens individuais, na medida em que mãe e filho interagem considerando as experiências anteriores.

Ainsworth (1979) descreveu dois tipos de interação entre mãe e filho: segura base e segura ansiosa. A vinculação segura tem por base a confiança que a criança sente pela mãe e face a situações de perigo, espera que a mãe a socorra, permitindo à criança fazer explorações sem situações de alarme. A vinculação ansiosa resulta da imprevisibilidade, inacessibilidade e da baixa qualidade de resposta por parte da mãe, causando ansiedade na criança e aumentando a procura da proximidade da mãe em situações que não são alarmantes diminuindo assim o sentido exploratório como consequência mesmo que não haja motivos para tal. Neste sentido, Bowlby (1969) definiu como princípio central da teoria da vinculação evolutivo-etológico, quando as crianças estão ansiosas ou confrontadas com o perigo usam as suas referências de vinculação como um “refúgio seguro”, e usam as referências vinculativas como “base segura” quando exploram o ambiente sem qualquer ameaça ou perigo. Deste modo, os teóricos da vinculação como Ainsworth, Bell e Stayton, 1974; Bowlby 1969 (citado em Fuertes, Lopes-dos-Santos, Beeghly, & Tronick, 2009) associam a ideia de que a sensibilidade materna é determinante da qualidade de interação entre mãe-filho(a) e, na verdade, o melhor preditor da segurança de vinculação na infância é a sensibilidade materna (Bigelow, Maclean, Proctor, Myatt, Gillis, & Power, 2010, citado em Serradas, Tadeu, Soares, & Fuertes, 2016).

## **1.2. Complexidade do conceito de sensibilidade materna**

Na tentativa de explicar e estudar os comportamentos maternos que promoviam a base segura Ainsworth, Waters e Wall (1978, citado em Serradas, 2015), desenvolveram o constructo da sensibilidade materna definindo *como a capacidade maternal para identificar, interpretar e dar uma resposta adequada perante os sinais do comportamento infantil* (Ainsworth et al., 1978 citado em Serradas, 2015; Ainsworth, Bell, & Stayton, 1971). Neste sentido, Ainsworth, Bell e Stayton (1974) descreveram

quatro componentes da sensibilidade materna: atenção aos sinais da criança; interpretação precisa dos sinais; resposta adequada às comunicações da criança e resposta pronta, de modo a que a reação não seja percebida como contingente.

Posteriormente, têm sido muitos os estudos realizados por investigadores de diversas áreas do desenvolvimento infantil (psicologia, medicina, pediatria), resultando assim um crescimento da literatura sobre o tema em que, cada vez mais, tem possibilitado desenvolver investigações sobre os comportamentos maternos e infantis. É de referir aqui, alguns dos estudos a título de exemplo, onde encontraram correlações positivas entre os quatro componentes da sensibilidade materna traçados em 1974 por Ainsworth e colegas (Lohaus, Keller, Ball, Voelker, & Elben, 2004, citado em Serradas, 2015). Em 1996 foi considerado que a sensibilidade materna é em simultâneo decorrente e produto do desenvolvimento da criança (Damast, Tamis-LeMonda, & Bornstein, 1996 citado em Serradas, 2015). Segundo Bigelow, Maclean, Proctor, Myatt, Gillis e Power (2010, citado em Serradas et al., 2016), as evidências empíricas e resultados de investigações referenciam a sensibilidade materna como o melhor preditor da segurança da vinculação na infância. Não obstante não é único e só explica moderadamente a qualidade da vinculação.

A autora van den Boom (1997) considera que a sensibilidade materna reflete uma interação, logo não faz sentido não pensar na ação entre ambos os parceiros salientado a elevada complexidade pela diversidade de operacionalizações que acontecem numa interação entre mãe-filho(a). Saliencia ainda que, deve ser interpretado no contexto diádico uma vez que, constitui uma dimensão relacional que bonifica qualquer comportamento interativo. A sensibilidade materna deve ser vista como uma construção diádica pois pressupõe uma influência bidirecional (van den Boom, 1997; Beeghly et al., 2011). Neste sentido, Aguiar (2006) refere a teoria de processo centrada no desenvolvimento da segurança emocional (Shonkoff & Phillips, 2000, citado em Aguiar, 2006) como um processo feito através das vivências precoces de interação entre mães e filhos, nas quais os filhos compreendem e imputam sentido às vivências seguintes, assim como Bowlby (1969) já havia desenvolvido o conceito de que os laços afetivos criados nas interações influenciam a imagem que têm um do outro.

Muitos têm sido os investigadores que se têm debruçado sobre a interação mãe-filho(a) em termos diádicos, investigando a interação diádica e referindo-a como

“correspondência afetiva e contacto com o olhar” (e.g., Chow, Haltigan, & Messinger, 2010; Feldman, 2003, 2007; Isabella & Belsky, 1990; Tronick & Cohn, 1989; Weinberg, Olson, Beegly, & Tronick, 2006; Weinberg, Beegly, Olson, & Tronick, 2008a, citado em Serradas, 2015, p.7). Também tem sido objetivo a “orientação mutuamente sensível” que pressupõe um constructo bidimensional entre a responsividade e o afeto (e.g., Aksan, Kochanska, & Ortmann, 2006; Kochanska, 1997; Kochanska, & Aksan, 2004, citado em Serradas, 2015, p.7), passando pela “corregulação diádica e coordenação” (e.g., Beebe et al., 2000; Evans & Porter, 2009; Yale, Messinger, Cobolewis, & Delgado, 2007, citado em Serradas, 2015, p.7), “sincronia” ou “conexão” (e.g., Feldman, 2003; Isabella & Belsky, 1990; Raikes, 2007, citado em Serradas, 2015, p.7) e “reparação diádica e envolvimentos incompatíveis” (e.g., Tronick & Cohn, 1989, citado em Serradas 2015, p.7).

Segundo Ainsworth, Bell e Stayton, 1974; Bowlby, 1969 (citado em Fuertes et al., 2009), os teóricos da matéria pensam que a sensibilidade materna e a recetividade das crianças são os fatores principais para a qualidade de interação da mãe-filho(a).

Na perspetiva de Beegly et al. (2011) a sensibilidade materna envolve a troca de fatores momentâneos provenientes de vários indicadores externos, havendo assim uma construção diádica na interação que, pressupõe um sistema de comunicação entre mãe-filho(a). Nesta perspetiva, esta comunicação pode ser entendida como um sistema de regulação diádico constituído por três subsistemas: da mãe, do filho(a) e de ambos.

Com base nestes dados, a Organização Mundial de Saúde (2004, citado em Aguiar, 2006) definiu sensibilidade materna como:

A capacidade de estar atento à criança e de estar consciente das suas ações e vocalizações como sinais que comunicam necessidades e desejos. De acordo com esta organização, a sensibilidade constitui um constructo relacional (e não uma mera característica da mãe), função da capacidade da criança para comunicar estados emocionais e comportamentais de forma clara e consistente (p. 39).

Recentemente, Belsky (2005, citado em Fuertes et al., 2009), considerou que tanto a qualidade do envolvimento materno com a criança como a qualidade de resposta

infantil juntamente com outros fatores contextuais, são preditores significativos da interação mãe-filho(a).

### **1.3. Fatores que influenciam a sensibilidade materna**

Um dos fatores que influenciam a qualidade diádica tem a ver com as características da mãe, designadamente a personalidade materna, a saúde mental e bem-estar emocional, a história, a idade, a educação, o estatuto profissional e por fim fatores de stress (Kochanska, 1997; Tarabutsy et al., 2005, citado em Serradas, 2015).

Para além dos aspetos contextuais (os próximos e os distantes) já acima referidos, os aspetos da relação conjugal também influenciam a qualidade de interação mãe-filho(a) (Corwyn & Bradley, 1999, citado em Aguiar, 2006). Na linha dos fatores socioecológicos, o nível socioeconómico dos pais também tem influência na dimensão da sensibilidade materna, uma vez que, pais com menos rendimentos económicos são mais coercivos e usam disciplina física (Beeghly et al., 2011). Também Costa, Lopes-dos-Santos e Fuertes (2014) mencionam estudos em que a sensibilidade materna e a pobreza estão significativamente associados, sendo que os estudos revelaram que as crianças que viviam em contextos favoráveis tinham mães com sensibilidade materna mais adequada.

As redes de apoio social também têm influência nos índices de sensibilidade materna (Dunst & Trivette, 1988). Segundo os autores, as interações entre mãe-filho(a) estavam associadas aos apoios recebidos pelos pais, sendo a falta de apoio um dos fatores para a falta de jogo faz-de-conta, de jogo verbal e de jogo exploratório.

Os fatores culturais são elementos que influenciam a qualidade da relação diádica entre mãe-filho(a) durante a interação social (Beeghly et al., 2011).

Para Beeghly et al. (2011), através do envolvimento em interações sociais o modelo de regulação mútua prevê que as diferenças individuais na qualidade da interação emergem, ao longo do tempo. Os bons índices de sensibilidade materna também estão interligados ao desenvolvimento cognitivo, motor e comportamental da criança (Serradas, 2015).

Podemos encontrar na literatura de Ainsworth (1985) a ligação das experiências repetidas da criança com a mãe que lhe permitirá representar a figura materna como sua parceira de interação que poderá ser responsiva e acessível (com determinadas características no comportamento materno) (Fuertes, 1998).

#### **1.4. Avaliação da qualidade do comportamento do adulto e caracterização do comportamento infantil**

Para Claussen e Crittenden (2000, citado em Fuertes, 2004), a sensibilidade está associada a um processo comunicativo multifaseado. Ainsworth e colegas (1974) salientam a importância de considerar duas componentes do processo de interação: a) a leitura adequada dos sinais do bebé e b) a realização de respostas adequadas aos sinais da criança.

Crittenden (2003) criou um guião de desenvolvimento para as interações (Fuertes, 2004) onde podemos observar o que é expectável das mães dos bebés dos 3 aos 9 meses:

*Reciprocidade e partilha de prazer entre os 3 e os 9 meses de idade -*  
O adulto, nesta fase, deve ser capaz de ajudar a criança a perceber e a participar em sequências comportamentais diádicas. Para o efeito, deve marcar o início de cada sequência procurando o contacto ocular, fazer pausas, sinalizar os momentos de "partida", modular o curso das trocas interactivas e marcar, com clareza, a conclusão da sequência. A sequência deve ser repetida até que a criança a possa perceber e prever os comportamentos do adulto, de modo a encontrar formas mais activas de participação. Este processo conjunto e recíproco, deve desenrolar-se no registo da partilha de afectos positivos. Após o bebé ter aprendido a responder reciprocamente podem ser fornecidas sequências mais longas e variadas. As variações devem aumentar o interesse e também ensinar o bebé a prestar atenção às componentes da sequência como unidades intermédias de um determinado padrão. Este aspecto parece essencial para a aquisição das competências

pragmáticas da comunicação sobre as quais se fundará, em grande parte, o desenvolvimento futuro da linguagem (p. 111).

Através da pesquisa de estudos portugueses relacionados com a aplicação do CARE-Index (Crittenden, 2003), elaborámos uma tabela de correlações (ver tabela1) entre o comportamento materno e o comportamento infantil.

De acordo com a mesma tabela, em todos os estudos revistos foi possível verificar uma correlação positiva da sensibilidade materna com a cooperação infantil com amostras variadas, assim como, o controlo materno apresentou uma correlação significativa com a compulsão infantil.

Nos estudos de Faria (2011) com amostra de crianças de termo; Fuertes (2004) com amostra de crianças pré-termo, Fuertes e colegas (2009) com amostra de crianças prematuras e de classe média; crianças de termo/ prematuras e pobreza; e em Serradas e colegas (2015) com amostra de crianças em risco biológico, a passividade materna correlacionou-se positivamente com a passividade infantil nestes quatro estudos. No entanto, a passividade materna correlacionou-se significativamente com a dificuldade infantil em apenas dois dos estudos (Fuertes et al., 2009; Serradas et al., 2016) com amostra de crianças de termo e classe média, e com crianças em risco ambiental respetivamente, o que não deixa de ser curioso por serem amostras muito distintas uma da outra.

Em dois dos estudos aqui apresentados (Serradas, 2015; Canelhas, 2011) não foram encontradas correlações significativas entre a passividade materna e os comportamentos infantis.

Tabela 1

*Tabela de correlações entre o comportamento materno e o comportamento infantil em estudos portugueses com o CARE-Index*

<b>Autor</b>	<b>Amostra</b>	<b>Sensibilidade materna</b>	<b>Controlo materno</b>	<b>Passividade materna</b>
<b>Fuertes, Marina (2004)</b>	Pré-termo	Cooperação infantil	Compulsão infantil	Passividade Infantil
<b>Fuertes e colegas (2009)</b>	Termo e classe média	Cooperação infantil	Compulsão infantil	Dificuldade infantil
	Prematuridad e e classe média	Cooperação infantil	Compulsão infantil	Passividade infantil
	Termo e pobreza	Cooperação infantil	Compulsão infantil	Passividade infantil
	Prematuridad e e pobreza	Cooperação infantil	Compulsão infantil	Passividade infantil
<b>Canelhas, Dina (2011)</b>	Pré- termo e Termo	Cooperação infantil	Compulsão infantil	Não foram encontradas correlações significativas
<b>Faria, Anabela (2011)</b>	Termo	Cooperação infantil	Compulsão infantil	Passividade Infantil
<b>Serradas e colegas (2016)</b>	Sem condições de risco;	Cooperação infantil	Compulsão infantil	Não foram encontradas correlações significativas
	Risco biológico	Cooperação infantil	Compulsão infantil	Passividade infantil
	Risco ambiental	Cooperação infantil	Compulsão infantil	Dificuldade infantil

## **2. PRESENTE ESTUDO**

Na esteira dos estudos anteriores sobre sensibilidade materna, é nosso objetivo comparar os comportamentos diádicos em amostras de países distintos: Brasil e Portugal. A literatura anterior indica grandes diferenças culturais no que respeita à interação mãe-filho. Estes dois países próximos na língua e cultura, têm realidades económicas e sociais muito distintas. Procuramos estreitar as duas realidades sabendo que em amostras tão reduzidas e não normativas, apenas podemos levantar questões e hipóteses futuras. É assim neste carácter exploratório que procuraremos estudar em díades portuguesas e brasileiras os comportamentos maternos relativamente à sensibilidade, controlo, passividade materna e comportamentos infantis quanto à cooperação, compulsão, dificuldade e passividade infantil. Para efeitos, serão comparadas 26 díades do Brasil e 25 díades portuguesas de bebés de termo aos 9 meses de vida, em situação de jogo livre, quanto à expressão facial, expressão vocal, posicionamento, afetividade, reciprocidade, controlo e atividade. Por fim, queremos averiguar a relação entre os dados demográficos dos pais (idade e anos de escolaridade) e dos bebés (sexo, Apgar ao 1º minuto, Apgar ao 5º minuto, idade gestacional do bebé e peso à nascença) com os fatores dos comportamentos maternos e infantis.

## **3. MÉTODOS**

### **3.1. Participantes**

No presente estudo participaram 51 díades mãe-filho(a) de nacionalidade portuguesa e brasileira. Das quais 25 díades foram com bebés de termo portugueses e 26 díades com bebés de termo brasileiros como podemos observar na tabela 2. As díades foram selecionadas aleatoriamente dentro das amostras de díades de termo.

Tabela 2

*Contagem de participantes*

Amostra	Sexo do bebé		Total
	Masculino	Feminino	
Portugueses	15	10	25
Brasileiros	11	15	26
<b>Total</b>	<b>26</b>	<b>25</b>	<b>51</b>

Foram recolhidos dados demográficos dos bebés e das suas famílias que podemos observar na tabela 3.

Na amostra portuguesa, as mães são em média mais velhas ( $M= 29.84$ ;  $DP=4.68$ ) e apresentam também mais anos de escolaridade ( $M=14.28$ ;  $DP= 3.82$ ), igualmente os pais portugueses têm mais idade ( $M=32.40$ ;  $DP=6.83$ ) e anos de escolaridade ( $M=13.32$ ;  $DP=3.86$ ).

Os bebés portugueses desta amostra, apresentam em média maior idade gestacional ( $M=39.69$ ;  $DP=1.06$ ), peso ( $M=3.356,28$ ;  $DP=505.99$ ), Apgar ao 1º minuto ( $M=9.16$ ;  $DP=.473$ ) e têm mais irmãos ( $M=1.56$ ;  $DP=.651$ ).

Nesta amostra, tanto os bebés portugueses como os bebés brasileiros apresentam a mesma média do Apgar ao 5º minuto (ver tabela 3).

A equipa deste estudo, considerou que os dois casos de idade gestacional com 35 semanas (da amostra brasileira, ver tabela 3) poderiam ser incluídos na investigação uma vez que estavam muito próximos da idade gestacional de termo.

Tabela 3

*Dados demográficos dos bebés e das suas famílias*

	<b>Nacionalidade</b>	<b>M</b>	<b>DP</b>	<b>Mín.- Máx.</b>
<b>Idade da mãe</b>	Portuguesa	29.84	4.68	21-38
	Brasileira	26.23	6.86	16-43
<b>Escolaridade da mãe</b>	Portuguesa	14.28	3.82	7-22
	Brasileira	11.42	2.19	6-15
<b>Idade do pai</b>	Portuguesa	32.40	6.83	19-48
	Brasileira	28.13	9.10	17-59
<b>Escolaridade do pai</b>	Portuguesa	13.32	3.86	4-18
	Brasileira	11.12	1.99	7-15
<b>Idade gestacional do bebé</b>	Portuguesa	39.69	1.06	37.29-41.29
	Brasileira	38.81	1.45	35-40.14
<b>Peso do bebé</b>	Portuguesa	3356.28	505.99	2570-4350
	Brasileira	3190.96	417.98	2345-3930
<b>Apgar 1º min</b>	Portuguesa	9.16	.47	8-10
	Brasileira	8.88	1.18	5-10
<b>Apgar 5º min</b>	Portuguesa	9.92	.28	9-10
	Brasileira	9.92	.27	9-10
<b>Nº de irmãos</b>	Portuguesa	1.56	.65	1-3
	Brasileira	1.35	.56	1-3

### 3.2. Procedimentos

O presente estudo foi aprovado pelo Conselho de Ética do Centro Hospitalar de Lisboa Ocidental (CHLO) e enquanto estudo brasileiro foi aprovado pelo Conselho de Ética em Pesquisa da Faculdade de Odontologia de Bauru (CEP/FOB) e pelo Conselho de Ética da Maternidade Santa Isabel de Bauru, coordenada pela Fundação para o Desenvolvimento Médico e Hospitalar (FAMESP). Com o efeito, o estudo português decorreu no Hospital de Santa Maria e o estudo brasileiro na Maternidade Santa Isabel.

Todas as mães participantes neste estudo, deram o seu consentimento informado para a sua participação. Neste documento garantiu-se a confidencialidade, a

desistência sem qualquer prejuízo para as famílias em qualquer momento do estudo. Autorizaram também o acesso aos dados clínicos do bebê e forneceram diretamente na unidade de saúde ou no hospital de referência os dados da família.

Os procedimentos de recolha de dados foram explicados aos pais e de seguida procedeu-se à filmagem em espaços bem iluminados.

De acordo com as instruções protocolares da avaliação em jogo livre CARE-Index, a diáde foi filmada durante cinco minutos dos quais se observaram três minutos. Antes da filmagem, foi dito às mães para interagirem com os filhos(as) espontaneamente e de forma natural, utilizando os brinquedos que estavam dentro da caixa.

Tendo em conta a idade cronológica dos filhos(as) e as suas capacidades, dentro da caixa estavam brinquedos, acima e abaixo do nível etário dos filhos(as) e cabia a ambas decidirem que brinquedos utilizar no jogo livre o mais próximo do que faziam em casa.

Avaliaram-se as mães separadamente dos filhos(as) e cada um foi cotado consoante as suas interações (um na perspetiva da outro) de acordo com a sensibilidade materna.

Em ordem a adquirir proficiência no uso do instrumento, a autora deste estudo foi treinada e orientada por cotadora oficial que frequentou, em Inglaterra, o curso e o treino de cotação do *Child-Adult Relationship Experimental Index* (CARE-Index, Crittenden, 2003) que se encontra popularizada na literatura sob a designação de CARE-Index ministrado por Patrícia Crittenden entre março e junho de 2003. As cotações dos 51 casos obtiveram um índice de acordo *intra-observador* superior aos 80%.

A qualidade de interação mãe-filho(a) foi avaliada aos 9 meses do bebê através das escalas maternas da versão mais recente do CARE-Index. Este instrumento é constituído por 59 itens, com sete aspetos do comportamento interativo diádico: expressão facial; expressão verbal; posicionamento e manipulação; expressão afetiva; reciprocidade; diretividade e jogo. As escalas, cuja definição operacional sucinta

forneçamos na tabela 4, quantificam o padro de resposta do adulto, repartindo entre elas, um total de 14 pontos.

Na escala de sensibilidade materna e cooperao infantil, com pontuao de 11-14 pontos: me *sensível*, criana *cooperativa*. Entre 7-10 pontos: me *adequada* e criana *mista*. Me *inapta* para total de pontos entre os 5-6 e *alto risco* para mes que pontuem abaixo dos 5 (0-4 pontos).

Tabela 4

*Caraterizao sumria das escalas maternas do CARE -Index*

ESCALA	CARATERIZAO
<b>Sensibilidade</b>	Traduz fundamentalmente a sincronia da atividade do adulto relativamente s respostas da criana. Trata-se de uma qualidade ligada, no essencial,  manifestao de comportamentos que tendem a facilitar a participao do beb na interao ao mesmo tempo que lhe proporcionam um clima de satisfao, aumentando o seu conforto e reduzindo, potencialmente, a sua ansiedade.
<b>Controlo</b>	Est basicamente relacionada com padres de resposta ditos intrusivos. Podem-se manifestar sob a forma de reaoes que indiciam hostilidade aberta ou encoberta. Surgem, muitas vezes, como comportamentos pseudo-sensíveis nos quais se entrev a aparente inteno de aumentar o envolvimento da criana, mas que s conseguem irrit-la ou levar  diminuio do seu nvel de participao ativa.
<b>No-responsividade</b>	Reflete a ausncia da implicao ativa do adulto na interao que se manifesta atravs de um retraimento e passividade face  aberturas ou sinais da criana.

*Nota.* Adaptado de Fuertes (2004)

As escalas da criança (cooperação, compulsividade-complacência, dificuldade, passividade) repartem, também, entre si um total de 14 pontos. Na tabela 5 apresentamos as suas definições operacionais.

Tabela 5

*Caraterização sumária das escalas da criança do CARE-Index*

<b>ESCALA</b>	<b>CARATERIZAÇÃO</b>
<b>Cooperação</b>	Identifica padrões de comportamento associados à expressão de prazer ou satisfação bem como à facilitação dos turnos comunicacionais. Manifesta-se através de expressões faciais riosas e atentas, iniciativas de contacto e aceitação participante face às aberturas sociais do adulto. Os resultados nesta escala mantêm, usualmente, correlações positivas elevadas com a escala da sensibilidade.
<b>Compulsividade-Submissão</b>	Diz respeito a padrões de comportamento que indicam submissão face às iniciativas do adulto. Postura dominada por nível baixo de espontaneidade, participação pouco entusiasmada nos jogos propostos pelo parceiro de interação sem contudo manifestar sinais de resistência. Notória preocupação em agradar (ou pelo menos em não desagradar) ao adulto que pode manifestar-se mediante ofertas de prestação de cuidados ou de uma atenção fixa, sem grande envolvimento ativo, às iniciativas daquele.
<b>Dificuldade</b>	Descreve padrões de comportamentos marcados pelo selo da oposição e resistência aberta às respostas do adulto. Revela-se por comportamentos como o choro, esgares de irritação, empurrar objetos oferecidos...
<b>Passividade</b>	Indica padrões de comportamento com baixo nível de envolvimento e iniciativa com respostas cujo resultado previsível é o de reduzir o contacto com o adulto – Expressões faciais vazias, ausência de resposta às aberturas sociais, participação errática no jogo interativo.

*Nota.* Adaptado de Fuertes (2004)

O CARE-Index prevê ainda uma oitava escala que quantifica globalmente o funcionamento da díade. O seu processo de cotação entra em linha de conta com as ponderações nas escalas maternas e das crianças. O adulto e a criança são avaliados separadamente após prévio trabalho preparatório que implica o visionamento repetido de cada filme.

A análise de todos os casos foi efetuada pela autora do presente trabalho e pela coordenadora do estudo certificada para o uso da escala.

### **3.3 Análise dos dados**

Os dados foram analisados com recurso a estatística descritiva e inferencial usando a versão 22 do programa SPSS. A estatística descritiva foi usada para calcular as médias e os respetivos desvios padrão dos dados demográficos. A estatística inferencial foi usada para calcular as diferenças de médias entre as variáveis dicotómicas e pontuação dos itens das escalas. O estudo de associações por correlação permitiu descrever a associação entre as variáveis contínuas. O nível de significância foi assumido a .05 e a normalidade da distribuição das variáveis foi testada para efeitos de decisão entre estatística paramétrica e não paramétrica.

## 4. RESULTADOS

### 4.1. Diferenças na qualidade de interação mãe-filho(a) em díades portuguesas e brasileiras

Este estudo teve como objetivo analisar os comportamentos maternos e infantis conforme avaliados pelo CARE-Index de acordo com a nacionalidade. Foram analisadas as seguintes variáveis da mãe: sensibilidade materna, controlo materno e passividade materna; e as seguintes variáveis da criança aos 9 meses: cooperação infantil, compulsão infantil e dificuldade infantil. Na tabela 6 é possível observar as médias e os desvios padrões dos comportamentos maternos e infantis de acordo com as nacionalidades.

Para analisar se havia diferenças significativas nos comportamentos maternos entre as mães portuguesas e as mães brasileiras, realizou-se um teste de comparação de médias (Teste t-student) para amostras independentes. Os resultados indicam que havia uma diferença significativa sendo que as mães de nacionalidade brasileira ( $M=3.19$ ;  $DP=2.91$ ) são significativamente mais passivas do que as mães de nacionalidade portuguesa ( $M=1.76$ ;  $DP=1.54$ ) aos 9 meses [ $t(49)=-2.184$ ;  $p=.03$ ].

O presente estudo indicou através do resultado do Teste de t-student que, os bebés da amostra de nacionalidade brasileira ( $M=2.38$ ;  $DP=2.40$ ) são significativamente mais difíceis do que os bebés de nacionalidade portuguesa ( $M=1.00$ ;  $DP=1.73$ ) [ $t(49)=-2.354$ ;  $p=.02$ ].

Tabela 6

*Estatística descritiva dos dados dos comportamentos maternos e infantis conforme avaliados pelo CARE-Index de acordo com a nacionalidade*

	<b>Nacionalidade</b>	<b>M</b>	<b>DP</b>	<b>t</b>	<b>p</b>
<b>Sensibilidade materna</b>	Portuguesa	9.36	2.48		
	Brasileira	8.42	2.30	1.409	.17
<b>Controlo materno</b>	Portuguesa	2.88	2.39		
	Brasileira	2.38	2.26	.761	.45
<b>Passividade materna</b>	Portuguesa	1.76	1.54		
	Brasileira	3.19	2.91	-2.184	.03*
<b>Cooperação infantil</b>	Portuguesa	9.40	2.39		
	Brasileira	8.46	2.10	1.488	.14
<b>Compulsão infantil</b>	Portuguesa	1.24	2.35		
	Brasileira	.58	1.55	1.193	.24
<b>Dificuldade infantil</b>	Portuguesa	1.00	1.73		
	Brasileira	2.38	2.40	-2.354	.02*
<b>Passividade infantil</b>	Portuguesa	2.44	2.02		
	Brasileira	2.50	2.30	-.099	.92

\* $p < .05$

## **4.2. Associação entre o comportamento materno e infantil em díades portuguesas e brasileiras**

Após comparar as diferenças de qualidade na interação em díades portuguesas e brasileiras, procuramos estudar como se correlacionam os comportamentos maternos e infantis em cada amostra.

Ao analisar os resultados podemos verificar nas tabelas 7 e 8 que, em comum, as duas amostras apresentam correlações positivas entre a sensibilidade materna e a cooperação infantil e entre controlo materno e compulsão infantil. Igualmente, nas duas amostras o comportamento difícil da criança não se associa a nenhum tipo de comportamento específico materno. Curiosamente, só na amostra do Brasil, o comportamento passivo do adulto surge altamente associado ao comportamento

passivo da criança e negativamente com a cooperação infantil. Este núcleo de díades passivas não se verifica na amostra portuguesa.

Adicionalmente, verificamos que a sensibilidade materna está negativamente correlacionada com passividade infantil em díades brasileiras e com a compulsão infantil em díades portuguesas. Verificamos também que o controlo materno está negativamente correlacionado com a cooperação infantil em díades portuguesas.

Tabela 7

*Correlações entre os dados dos comportamentos maternos e comportamentos infantis no Brasil*

<b>Comportamento infantil</b>	<b>Comportamento materno</b>		
	<b>Sensibilidade materna</b>	<b>Controlo materno</b>	<b>Passividade materna</b>
<b>Cooperação infantil</b>	.716**	-.237	-.401*
<b>Compulsão infantil</b>	-.164	.415*	-.180
<b>Dificuldade infantil</b>	.018	.158	-.134
<b>Passividade infantil</b>	-.547**	-.230	.616**

\* $p < .05$ ; \*\* $p < .01$

Tabela 8

*Correlações entre os dados dos comportamentos maternos e comportamentos infantis em Portugal*

Comportamento infantil	Comportamento materno		
	Sensibilidade materna	Controlo materno	Passividade materna
Cooperação infantil	.892**	-.654**	-.370
Compulsão infantil	-.691**	.593**	.152
Dificuldade infantil	-.082	.074	.013
Passividade infantil	-.193	.032	.251

\* $p < .05$ ; \*\* $p < .01$

### 4.3. Relação entre a qualidade de interação mãe-filho(a) e os dados demográficos

Outro objetivo deste estudo é estudar os comportamentos maternos e infantis conforme avaliados pelo CARE-Index de acordo as variáveis demográficas.

**Género da criança.** Para analisar a existência de diferenças significativas nos comportamentos maternos e infantis entre meninos e meninas, realizou-se o teste estatístico *t-student* para amostras independentes.

O presente estudo indicou ainda através do resultado do Teste de *t-student* que, os bebés da amostra de nacionalidade portuguesa não apresentam diferenças significativas entre o género masculino e feminino (ver tabela 9).

Os resultados indicam que havia uma diferença significativa sendo que as meninas brasileiras deste estudo ( $M=3.29$ ;  $DP=2.40$ ) são significativamente mais difíceis do que os meninos ( $M=1.09$ ;  $DP=1.92$ ) [ $t(23)=-2.471$ ;  $p=.02$ ]. Na tabela 10 é

possível observar as médias e os desvios padrões dos comportamentos maternos e infantis de acordo com o género de nacionalidade brasileira.

Tabela 9

*Estatística descritiva dos dados dos comportamentos maternos e infantis conforme avaliados pelo CARE-Index de acordo com os dados demográficos em Portugal*

	<b>Sexo</b>	<b>M</b>	<b>DP</b>	<b>t</b>	<b>p</b>
<b>Sensibilidade materna</b>	M	9.20	2.08		
	F	9.45	2.91	-.261	.80
<b>Controlo materno</b>	M	2.93	2.31		
	F	3.09	2.66	-.161	.87
<b>Passividade materna</b>	M	1.87	1.41		
	F	1.45	1.75	.665	.51
<b>Cooperação infantil</b>	M	9.00	2.07		
	F	10.00	2.68	-1.07	.29
<b>Compulsão infantil</b>	M	1.47	2.82		
	F	.82	1.40	.698	.49
<b>Dificuldade infantil</b>	M	.80	1.08		
	F	1.55	2.46	-1.05	.30
<b>Passividade infantil</b>	M	2.73	2.40		
	F	1.82	1.33	1.14	.27

\*p<.05

Tabela 10

*Estatística descritiva dos dados dos comportamentos maternos e infantis conforme avaliados pelo CARE-Index de acordo com os dados demográficos no Brasil*

	<b>Sexo</b>	<b>M</b>	<b>DP</b>	<b>t</b>	<b>p</b>
<b>Sensibilidade materna</b>	M	8.36	2.50		
	F	8.50	2.31	-.141	.89
<b>Controlo materno</b>	M	2.18	2.40		
	F	2.29	2.09	-.116	.91
<b>Passividade materna</b>	M	3.45	3.14		
	F	3.21	2.80	.202	.84
<b>Cooperação infantil</b>	M	8.82	2.44		
	F	8.07	1.86	.869	.39
<b>Compulsão infantil</b>	M	.64	1.57		
	F	.57	1.65	.100	.92
<b>Dificuldade infantil</b>	M	1.09	1.92		
	F	3.29	2.40	-.247	.02*
<b>Passividade infantil</b>	M	3.45	2.02		
	F	1.93	2.34	1.72	.10

\*p<.05

#### **4.4 Associação entre os dados dos comportamentos maternos e infantis e os dados demográficos dos bebés e das famílias**

Seguidamente, foi analisada a relação entre as variáveis do comportamento materno e infantil (sensibilidade materna, controlo materno e passividade materna, cooperação infantil, compulsão infantil e dificuldade infantil) com as seguintes variáveis demográficas (escolaridade da mãe, Apgar ao 1º minuto, Apgar ao 5º minuto, idade gestacional do bebé, peso do bebé à nascença, idade do pai e escolaridade do pai). Na tabela 11 e 12 são apresentados os resultados com as amostras separadas.

De acordo com a amostra portuguesa deste estudo (ver tabela 11), os resultados indicaram que a sensibilidade materna associou-se positivamente à escolaridade e idade do pai. A passividade materna está negativamente correlacionada com o Apgar

ao 5º minuto. Já a compulsão infantil associou-se negativamente aos anos de escolaridade da mãe e do pai, assim como também com a idade do pai. Nesta amostra, a passividade infantil associou-se positivamente à escolaridade materna e ao peso do bebé.

De acordo com a amostra brasileira deste estudo (ver tabela 12), os resultados indicaram que o Apgar ao 1º minuto associou-se negativamente à passividade infantil.

Tabela 11

*Correlações entre os dados demográficos do bebé e da família e os comportamentos maternos e infantis, de acordo com a amostra portuguesa*

	Comportamento materno			Comportamento infantil			
	Sensibilidade materna	Controlo materno	Passividade materna	Cooperação infantil	Compulsão infantil	Dificuldade infantil	Passividade infantil
<b>Idade da mãe</b>	.260	-.215	-.070	.219	-.277	.170	-.073
<b>Anos de escolaridade da mãe</b>	.288	-.316	.045	.036	-.522**	.209	.407*
<b>Apgar ao 1º minuto</b>	.385	-.178	-.322	.341	-.178	.074	-.270
<b>Apgar ao 5º minuto</b>	.160	.183	-.536**	.178	-.039	.183	-.311
<b>Idade gestacional do bebé</b>	.051	-.205	.241	.083	-.220	-.095	.206
<b>Peso do bebé à nascença</b>	.040	-.178	.216	-.211	-.362	.356	.401*
<b>Anos de escolaridade do pai</b>	.472*	-.314	-.245	.377	-.571**	.142	.117
<b>Idade do pai</b>	.436*	-.232	-.317	.386	-.415*	.140	-.104

\*p<.05; \*\*p<.01; \*\*\*p<.001

Tabela 12

*Correlações entre os dados demográficos do bebê e da família e os comportamentos maternos e infantis, de acordo com a amostra brasileira*

	Comportamento materno			Comportamento infantil			
	Sensibilidade materna	Controlo materno	Passividade materna	Cooperação infantil	CompuIsão infantil	Dificuldade infantil	Passividade infantil
<b>Idade da mãe</b>	-.102	-.278	.292	-.235	-.239	.119	.271
<b>Anos de escolaridade da mãe</b>	.267	-.370	.063	.114	-.094	.045	-.081
<b>Apgar ao 1º minuto</b>	.182	.265	-.348	.298	.237	.285	-.714**
<b>Apgar ao 5º minuto</b>	-.136	-.311	.345	.128	.114	-.146	-.053
<b>Idade gestacional do bebê</b>	.216	-.191	-.031	.249	-.189	.117	-.155
<b>Peso do bebê à nascença</b>	.064	-.260	.145	.042	-.093	.086	.000
<b>Anos de escolaridade do pai</b>	.029	-.008	-.017	-.022	-.148	.173	-.051
<b>Idade do pai</b>	.336	-.046	-.238	.139	.023	.075	-.193

\*p<.05; \*\*p<.01; \*\*\*p<.001

## 5. DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

O presente estudo teve como principal objetivo investigar os comportamentos interativos das mães- filho(a) de termo aos 9 meses de vida, em situação de jogo livre, quanto à expressão facial, expressão vocal, posicionamento, afetividade, reciprocidade, controlo e atividade. No presente estudo participaram 51 díades mãe-filho(a), das quais 25 eram portuguesas e 26 díades brasileiras.

Quando comparámos os comportamentos interativos das díades portuguesas e brasileiras, os resultados indicaram que as mães brasileiras eram mais passivas do que as mães portuguesas. Por seu lado, os bebés brasileiros mostraram-se mais difíceis do que os portugueses. Ora, analisando os estudos da sensibilidade materna realizados com amostras portuguesas e com amostras brasileiras não encontramos fundamento para esta diferença (Ribeiro, 2017). Não sabemos se os resultados se devem às diferenças culturais dos dois países ou à especificidade das duas amostras. Com efeito, na amostra do Brasil as mães apresentam menos anos de escolaridade e índices de pior condição económica. Na verdade, os fatores socioeconómicos são determinantes da qualidade da vinculação. Num estudo português Fuertes e colegas (2009), verificaram que as condições socioeconómicas agravam tanto a qualidade da vinculação, que não prejudicam mais essa qualidade do que a condição da prematuridade, como quando a condição de pobreza é elevada, a qualidade da relação mãe-filho atinge um tal risco que a condição de prematuridade já não agrava esse risco. Também Costa e colegas (2014) encontraram relações significativas entre a pobreza e a sensibilidade materna, resultando na maior parte dos casos em risco para a criança. Segundo o estudo de Mistry e colegas (2002, citado em Aguiar, 2006), os pais preocupados com as questões económicas revelam menor capacidade para interações favoráveis e afetuosas. Para Sameroff e Fiese (2000) há vários fatores de risco (e.g., depressão materna, consumos de álcool ou drogas, falta de apoio social e situações financeiras desfavoráveis) que podem influenciar a qualidade interativa diádica. Também na investigação do Brasil, os fatores socioeconómicos afetam de modo significativo apresentando-se como um fator de risco uma vez que no estudo de Ribeiro (2017) a amostra predominante era de classe considerada baixa (C1). Segundo Mansson e colegas (2015, citado em Ribeiro, 2017), o nível socioeconómico tem sido um dos fatores de elevado risco no desenvolvimento dos bebés. Deste modo, as

diferenças podem não ser explicadas por fatores culturais mas por diferenças socioeconómicas, numa amostra portuguesa mais carenciada os resultados podiam ser idênticos aos encontrados na amostra do Brasil.

No presente estudo, procuramos comparar as correlações entre os comportamentos maternos e infantis na amostra portuguesa e na amostra brasileira. Os resultados indicam algumas correlações distintas. Em primeiro, como em todas as amostras portuguesas estudadas com o CARE-Index de que temos conhecimento e que mencionamos na revisão de literatura, a sensibilidade materna associou-se à cooperação infantil na amostra nacional e brasileira (Fuertes et al., 2009; Canelhas, 2011; Faria, 2011; Ribeiro, 2017) em que os resultados indicaram que quanto maior é a sensibilidade materna maior é a cooperação infantil. Este resultado é generalizado na pesquisa internacional do mesmo, a diretividade materna esteve associada à compulsão infantil corroborando com os estudos de Crittenden (1981,1992) e também Dilalla e Crittenden (1990). Contudo, na amostra do estudo brasileiro encontram uma elevada prevalência de comportamento passivo que está associado ao comportamento passivo da criança. Este perfil raramente foi encontrado em Portugal, geralmente o comportamento passivo materno português associa-se ao comportamento difícil da criança (Faria et al., 2014; Faria, 2011). Alguns foram os autores que concluíram que, quanto menor for a passividade materna maior é a chamada de atenção das crianças através de atitudes exageradas (Crittenden, 1999; Kozłowska & Hanney, 2002 citado em Faria, 2011) associando-se, assim, a um comportamento difícil infantil. Autores portugueses (Fuertes, 2004; Fuertes et al., 2009; Serradas et al., 2016), verificaram que a passividade materna só se associou à passividade infantil com amostras de prematuros; pobreza ou em risco biológico. O único estudo em que este perfil foi encontrado com amostras sem um risco determinado foi nos trabalhos de Faria (2011), no entanto, é preciso ter em conta a baixa escolaridade da amostra estudada. Os estudos portugueses parecem globalmente indicar que na cultura portuguesa a passividade materna só se associa à passividade infantil quando está associada a alguma condição de risco. Os nossos dados, na amostra portuguesa, não indicam associações entre o comportamento passivo das mães e o comportamento infantil nem entre o comportamento infantil difícil ou passivo das crianças ou passivo e o comportamento materno, atribuímos esta baixa associação ao reduzido número de casos na amostra embora teoricamente fosse de prever estes resultados.

Neste estudo, a resposta infantil parece variar em função do género do bebé na amostra do Brasil. Foi possível observar que os bebés do sexo feminino eram mais difíceis do que os bebés do sexo masculino. Embora com outros objetivos, no estudo de Zamberlan (2002) no Brasil, os resultados indicaram que as meninas obtiveram mais reforço diferencial pelas suas vocalizações e mais respostas verbais do que os meninos. Noutro estudo brasileiro, Glória (2005, citado em Sampaio, 2007), obteve resultados que indicam que a comunicação da mãe com os meninos é menor do que com as meninas, assim como a atividade da mãe parece não exercer influência nos meninos. Embora os nossos dados não identifiquem esta relação na amostra portuguesa, outros portugueses como Latino (2015) identificaram em meninas, aos 9 meses, uma percentagem superior de Comportamento Socialmente Negativo comparativamente aos meninos. Na literatura nacional e internacional, os resultados tendem a ser contraditórios no domínio do género, as investigações de Mayes e Carter (1990) e com as de Braungart-Rieker, Garwood e Notaro (1998) corroboram este resultado. Já no estudo de Serradas e colegas (2016), a qualidade de interação da mãe parece variar também em função do género da criança, no entanto, apresenta resultados de mães mais sensíveis com as meninas, bem como, os resultados do estudo de Bornstein e colegas (2008, citado em Aguiar, 2006) indicaram que as mães de meninas eram mais sensíveis e promotoras de estruturação do que as mães dos meninos. Por ventura, a variável género tem de ser compreendida no quadro de mais sistémico de influência associada a fatores familiares, culturais e ao desenvolvimento da criança.

Apesar da baixa associação entre os dados demográficos e comportamento diádico na amostra do Brasil, na amostra portuguesa foram encontradas diversas associações. Em relação ao efeito da escolaridade da mãe, os resultados deste estudo indicaram que houve uma associação negativa entre o aumento da escolaridade e a compulsão infantil e positiva com a passividade infantil na amostra portuguesa. Estes resultados corroboraram com os resultados obtidos em vários estudos portugueses como, por exemplo, o estudo de Serradas e colegas (2016) desenvolvido em amostras com fatores de risco para o desenvolvimento da criança. Igualmente, Fuertes (2004) e Aguiar (2006), verificaram, em amostras sem risco, que as mães com mais anos de escolaridade apresentam índices superiores de resposta estimulante e afetuosa e menos respostas intrusivas no decurso de situações de jogo diádico com os seus filhos(as). Por seu lado, as crianças apresentam menos comportamentos de submissão

e mais cooperação. Internacionalmente, os relatórios do NICHD Early Child Care Research Network (1999, citado em Aguiar 2006) indicam que a sensibilidade da resposta materna estava fortemente associada à escolaridade dos pais. Segundo Pelchat e colegas (2003, citado em Aguiar 2006), esta associação pode ser explicada pela aquisição de valores e atitudes decorrentes das experiências de socialização vividas pelas mães, assim como também o acesso a recursos adicionais para lidar com os desafios inerentes à educação de uma criança. Especulamos que a sensibilidade das mães resulta de um complexo conjunto de fatores biológicos, psicológicos, sociais e culturais. A escolaridade materna afeta as representações sobre a infância e sobre a maternidade (NICHD Early Child Care Research Network, 1999 citado em Aguiar, 2006) que se podem traduzir nos comportamentos diretos com a criança.

Curiosamente, a escolaridade paternal associou-se de forma positiva à sensibilidade materna e negativamente com a compulsão infantil. Tamis-LeMonda, Shannon, Cabrera e Lam (2004) também verificaram que a escolaridade dos pais e mães estava associada aos comportamentos interativos das mães, resultando uma maior sensibilidade materna para as mães cuja escolaridade paterna era maior. Este dado precisa de mais estudo, embora seja um fator individual, ele pode contribuir para uma certa organização de vida familiar (e.g., tipo de tempos livres, número de horas de trabalho por semana, satisfação profissional, etc.). No caso do nosso estudo, verificamos que os pais com mais estudos são também os pais mais velhos e as mesmas associações são encontradas em pais mais novos. Deste modo, os dois fatores em conjunto podem estar a contribuir para este resultado.

O Apgar ao 1º minuto correlacionou-se negativamente com a passividade infantil. Embora com outros objetivos, no estudo de Latino (2015) em que os bebés com o índice de Apgar ao 1º minuto superior apresentaram um Padrão Socialmente Positivo e com um índice inferior apresentaram um comportamento com Padrão Socialmente Negativo. Analisando este dado à luz do modelo evolucionista de Crittenden (1999) é possível que os pais invistam mais nos filhos com maior viabilidade ou podem ser desencadeados processos biológicos no bebé ainda não totalmente compreendidos.

Do mesmo modo, o peso gestacional começa a surgir em vários estudos (Latino, 2015; Latino et al., 2017 in press) como sendo um fator importante até em amostras de termo, o nosso estudo indicou uma curiosa correlação positiva entre o peso do bebé e

a passividade infantil na amostra portuguesa. Se o modelo teórico citado anteriormente for também aplicado a este resultado, as mães investem mais nos bebés com maior peso gestacional e deste modo os bebés não precisam reclamar tanto a presença da mãe e podem ser mais calmos e menos responsivos.

## 6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente estudo não só se debruça sobre o estudo da interação mãe-filho(a) em situação de jogo livre aos 9 meses de vida como perscruta elementos culturais em amostras de Portugal e do Brasil. As mães brasileiras deste estudo são mais passivas do que as mães portuguesas, enquanto os bebês brasileiros são mais difíceis do que os bebês portugueses. Quando perguntamos porquê? Verificamos que existem diferenças socioeconómicas que parecem explicar os resultados. As questões económicas são importantes tanto em países economicamente desenvolvidos como em países mais pobres, este estudo leva-nos a refletir sobre como esta variável afeta o desenvolvimento da relação, das interações e assume uma influência na organização da cultura. De acordo com o modelo transacional de Sameroff e Fiese (2000)

o desenvolvimento da criança é visto como o produto das interações contínuas e dinâmicas da criança e da experiência providenciada pela sua família e contexto social. O que é inovador no modelo transacional é a igual ênfase posta nos efeitos da criança e do ambiente, de tal forma que as experiências proporcionadas pelo ambiente não são encaradas como independentes da criança. A criança pode ter sido um forte determinante das experiências actuais, mas o desenvolvimento não pode ser sistematicamente descrito sem uma análise dos efeitos do ambiente da criança (Sameroff & Fiese, 2000, citado em Pimentel 2005, pp.31-32)

Este estudo soma-se aos contributos anteriores ao identificar variáveis importantes, mas ainda temos que reconhecer o papel das suas dinâmicas (interação entre variáveis). Curiosamente o nível escolar e a idade do pai foram dois dos fatores que mais influência tiveram na sensibilidade da mãe, arriscamo-nos assim a associar ao facto de que o pai com mais escolaridade tem mais meios para contribuir para a estabilidade no seio familiar, provavelmente tem um melhor emprego, um nível económico mais elevado sendo possível que resulte numa maior estabilidade emocional da mãe e assim uma maior disponibilidade para uma interação adequada. Com efeito, alguns estudos (e.g, Corwyn & Bradley, 1999; Tamis-LeMonda, Shannon, Cabrera & Lamb, 2004; Beeghly et al., 2011; Brooks-Gunn & Marrum, 2005; Ispa et al., 2004; Hoffer et al., 2002; Lansford et al., 2009; Paulussen-Hoogeboom et al., 2007 citado em

Serradas, 2015) identificam que as variáveis moderadoras e potenciadoras têm um papel significativo nos processos de desenvolvimento e nos processos relacionais.

Reconhecer precocemente os determinantes da interação entre mãe-filho(a) pode conduzir ao levantamento de necessidades estruturadoras das práticas de uma intervenção de forma precoce. Partindo dos resultados deste estudo inter-cultural, a Intervenção Precoce (IP) futuramente deverá objetivar-se de forma a privilegiar a intervenção económica em cada família.

Este estudo oferece um contributo muito importante para os profissionais de IP assim como para os profissionais de Educação de Infância na medida em que, com base nos resultados, será importante aconselhar as mães a interagirem com os seus filhos(as) nas brincadeiras com os filhos, fomentando assim o aumento da sua sensibilidade, da qualidade de resposta das mães e dos filhos(as), o desenvolvimento inter-relacional entre ambos e ainda permite que a criança se organize. As variáveis paternas assumem neste estudo um papel importante, uma vez que os resultados evidenciam uma correlação com a sensibilidade materna, logo permite-nos aconselhar e incentivar a participação do pai nas rotinas do bebé, nas brincadeiras e outras tarefas.

Como profissional, é importante ter em conta o comportamento dos pais e não apenas da criança uma vez que, este estudo vem confirmar o que já outros haviam indicado. Neste estudo verifica-se a importância da reciprocidade, atenção e participação materna para evitar comportamentos passivos ou difíceis da criança.

É indispensável que os técnicos de IP foquem também a sua atenção na qualidade de materiais/brinquedos acessíveis à criança, sendo importante a adequação à idade da criança e aos interesses da mesma promovendo assim o sentido exploratório.

O tempo de interação parece ser outro fator chave. Segundo os trabalhos de Anabela Faria (2011) importante não é a quantidade mas sim a qualidade! As crianças necessitam de estar com os pais o maior tempo possível mas na impossibilidade de isso acontecer é importante que o tempo de interação seja de elevada qualidade.

Para o pensador Augusto Cury (2003) “os filhos não precisam de pais gigantes, mas de seres humanos que falem a sua linguagem e sejam capazes de penetrar-lhes o coração” (p.1).

## **7. LIMITAÇÕES E SUGESTÕES PARA FUTUROS ESTUDOS**

A presente investigação, apresenta algumas limitações: em primeiro lugar, o reduzido número de participantes, o que dificulta a generalização de resultados e o refinamento das análises estatísticas. Em segundo lugar, apresenta as limitações próprias de um estudo experimental (observação fora do contexto).

No futuro a equipa, procurará estudar as diferenças culturais noutras amostras europeias e americanas aumentando significativamente o resultado da amostra e o emparelhado de sujeitos.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Aguiar, C. (2006). *Comportamentos Interactivos Maternos e Envolvimento da Criança*. Dissertação de doutoramento, Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade do Porto.
- Ainsworth, M. D.; Bell, S., & Stayton, D. (1971). Individual differences in Strange-Situation behaviour of one-year-olds. In H.R. Schaffer (Ed.), *The origins of human social relations* (pp. 17-52). New York: Academic Press.
- Ainsworth, M.D.S., Bell, S. M., & Stayton, D. J. (1974). Infant-mother attachment and social development: Socialisation' as product of reciprocal responsiveness to signals. In: M. Richards (ed.). *The integration of a child into a social world* (pp. 9-135). London: Cambridge University Press.
- Ainsworth, M. D., Blehar, M., Waters, E., & Wall, S. (1978). *Patterns of attachment- A psychological study of the Strange Situation*. New Jersey: Lawrence Erlbaum Associates
- Ainsworth, M. D. (1979). Infant-mother attachment. *American Psychology*, 34, 932-937.
- Ainsworth, M. D. S. (1985) Patterns of infant-mother attachments: Antecedents and effects on development. *Bulletin of the New York Academy of Medicine*, 61, 771-791.
- Bowlby, J. (1969). *Attachment and loss* (Vol. I). London: Penguin Book.
- Beeghly, M., Fuertes, M., Liu, C., Delonis, M., Tronick, E. (2011). Maternal sensitivity in dyadic context: mutual regulation, meaning-making, and reparation. In D. W. Davis & M. C. Logsdon (eds.), *Maternal sensitivity: a scientific foundation for practice* (pp. 45-69). Hauppauge, NY: Nova science publishers.
- Braungart-Rieker, J., Garwood, M. M., & Notaro, P. C. (1998). Infant Affect and Affect Regulation during the Still-Face Paradigm with Mothers and Fathers: The Role of Infant Characteristics and Parental Sensitivity. *Developmental Psychology*, 34(6), 1428-1437.
- Canelhas, D. (2011). *Estudo sobre o impacto do risco biológico e ambiental na qualidade da interação mãe-filho(a)*. Dissertação apresentada à Escola Superior de Educação de Lisboa.

- Crittenden, P. M. (1981). Relationships at risk. In Belsky J. & Nezworski, T. (Eds.), *Clinical implications of attachment* (pp. 136-174). Hillsdale, NJ: Lawrence Erlbaum Association.
- Crittenden, P. M. (1992). *Children's strategies for coping with adverse home environments: an interpretation using attachment theory*. *Child Abuse & Neglect*, 16, 329-343.
- Crittenden, P. M. (1999). A dynamic-maturational approach to continuity and change in pattern of attachment. In J. I. Vondra & D. Barnett (Eds.), *Atypical attachment in infancy and early childhood among at developmental risk*. *Monographs of the society for research in child development*, 258, 64, 145-171.
- Crittenden, P. M. (2003). CARE-Index Manual (não publicado). Miami: IASA.
- Costa, M. A., Lopes dos Santos, P., & Fuertes, M. (2014). Processamento sensorial e interacção diádica como promotores de resiliência nas crianças de famílias com baixos rendimentos. *Interações*, 30, 8-43.
- Cury, A. (2003). *Pais brilhantes, professores fascinantes*”. Sextante. Consultado em <https://pensador.uol.com.br/frase/NjUwNDQy/>
- Dilalla, D., & Crittenden, P. M. (1990). Dimensions of maltreated children's home behavior: a factor analytic approach. *Infant Behavior and Development*, 13, 439-460.
- Dunst, C. J., & Trivette, C. M. (1988). Determinants of parent and child interactive behavior. In K. Marfo (Ed.), *Parent-child interaction and developmental disabilities: Theory, research, and intervention* (pp. 3-31). New York: Praeger.
- Faria, A. (2011). *Continuidade e desenvolvimento dos processos de vinculação à mãe e ao pai durante os primeiros 18 meses de vida*. Dissertação de doutoramento apresentada à Faculdade de Psicologia e de Ciências de Educação da Universidade do Porto.
- Faria, A., Lopes-dos-Santos, P., & Fuertes, M., (2014). *Pais e mães protegem, acarinham e brincam de formas diferentes*. *Análise Psicológica*, 4 (XXXII): 419-437.
- Fernandes, I. (2015). *Será do sexo dos filhos ou dos pais? Estudo sobre o efeito do sexo das crianças e dos pais na qualidade de interação, comunicação e*

- atividade conjunta*. Dissertação de mestrado, Escola Superior de Educação de Lisboa /Instituto Politécnico de Lisboa.
- Fuertes, M. (1998). *A organização dos comportamentos da vinculação na criança com alterações neuromotoras*. Dissertação de mestrado, Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade do Porto.
- Fuertes, M. (2004). *Rotas da Vinculação – O desenvolvimento do comportamento interativo e a organização da vinculação no primeiro ano de vida do bebé prematuro*. Dissertação de Doutoramento. Dissertação não publicada. Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade do Porto.
- Fuertes, M., & Lopes-dos-Santos, P. (2005). A vinculação em populações de risco. In Bairrão Ruivo, J. (Eds), *Desenvolvimento: contextos familiares e educativos* (pp. 172-199). Porto: Livpsi.
- Fuertes, M., Lopes-dos-Santos, P., Beeghly, M., & Tronick, E. (2009). Infant coping and maternal interactive behavior predict attachment in a Portuguese sample of healthy preterm infants. *European Psychologist*, 14 (4) 320. 45.
- Fuertes, M., Alves, M., & Sousa, O. (2015). Comportamentos interativos mãe-filho(a) e pai-filho(a) aos 15 meses de vida. Estudo exploratório. In *Atas do II Encontro de Mestrados em Educação e Ensino da Escola Superior de Educação de Lisboa*, 2, 39-49.
- Grossmann, K., Grossmann, K., Spangler, G., Suess, G. & Unzner, L. (1985). Maternal sensitivity and newborns' orientation responses as related to quality of attachment in northern Germany. In I. Bretherton & E. Waters (Eds.), *Growing points in attachment theory and research. Monographs of the Society for Research in Child Development*, 50, 233-256.
- Isabella, R. (1993). Origins of Attachment: Maternal Interactive Behavior across the First Year. *Child Development*, 64(2), 605-621.
- Latino, I. (2015). *Contributos maternos para a auto-regulação do bebé na situação experimental Face-To-Face Still Face*. Dissertação de mestrado apresentada à Escola Superior de Educação de Lisboa.
- Latino, I., Barbosa, M., & Fuertes, M. (2017, in press). *Contributos maternos para a auto-regulação do bebé no Paradigma Face-to-Face Still- Face. Análise Psicológica*.

- Mayes, L., & Carter, A. (1990). Emerging Social Regulatory Capacities as Seen in the Still-Face Situation. *Child Development*, 61(3), 754-763.
- Pimentel, J. (2005). Intervenção focada na família: desejo ou realidade. *Percepções de pais e profissionais sobre as práticas de apoio precoce a crianças com necessidades educativas especiais e suas famílias*. Lisboa: Secretariado Nacional para a Reabilitação e Integração das Pessoas com Deficiência.
- Ribeiro, C. (2017). *A influência da idade gestacional nas habilidades do desenvolvimento infantil e a qualidade da interação na díade mãe-bebê ao longo do primeiro ano de vida*. Dissertação de doutoramento apresentada à Universidade de São Paulo-Faculdade de Odontologia de Bauru, Bauru.
- Sameroff, A. J. & Chandler, M. J. (1975). Reproductive risk and the continuum of caretaking casualty. In F. D. Horowitz, M. Hetherington, S. Scarr-Salapatek & G. Siegel (Eds.), *Review of Child Development Research*, vol.4 (pp.187-244). Chicago: University of Chicago Press.
- Sameroff, A. & Fiese, B. (2000). Transactional regulation and early intervention, in J.P. Shankoff, & S.J.Meisels (Eds). *Handbook as early childhood intervention* (pp. 135-159). Cambridge: Cambridge University Press.
- Sampaio, I. (2007). Práticas educativas parentais, género e ordem de nascimento dos filhos: atualização. *Rev. Bras Crescimento Desenvolvimento Humano*, 17(2). São Paulo.
- Serradas, A. (2015). *Estudo da Sensibilidade Materna em Díades de Risco Biológico, Ambiental e Acumulado*. Dissertação de mestrado, Escola Superior de Educação de Lisboa /Instituto Politécnico de Lisboa.
- Serradas, A., Tadeu, B., Soares, H., & Fuertes, M. (2016). Estudo da sensibilidade materna em díades de risco biológico, ambiental e acumulado. In Fuertes, M., Nunes, C., & Rosa, J. (org). *Evidências de Intervenção Precoce – CIED*. (pp. 19-36). Lisboa: Escola Superior de Educação de Lisboa/Instituto Politécnico de Lisboa.
- Tamis-LeMonda, C.S., Shannon, J.D., Cabrera, N.J., & Lamb, M.E. (2004). Fathers and mothers at play with their 2- and 3-year-olds: Contributions to language and cognitive development. *Child Development*, 75, 1806-1820.

van den Boom, D.C. (1997). Sensitivity and attachment: Next steps for developmentalists. *Child Development*, 68, 592-594.

Zamberlan, M. (2002). Interação mãe-criança: enfoques teóricos e implicações decorrentes de estudos empíricos. *Estudos de Psicologia*. 7(2), 399-406.